



# A IMORTALIDADE NO PENSAMENTO DE LUDWIG FEUERBACH: UM PARALELO COM AS COMPOSIÇÕES DOS NOVOS BAIANOS

Rafael Eros Oliveira Rocha

---

Graduando em Filosofia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú, UVA, Bolsista de Iniciação Científica pelo CNPq e membro do Grupo de Pesquisas Ludwig Feuerbach e Pensamento Pós-Hegelianismo (GPELF)  
[rafaeleros14@outlook.com](mailto:rafaeleros14@outlook.com)

**Resumo:** O presente artigo tem por objetivo aclarar o pensamento do jovem Feuerbach sobre a temática da imortalidade da alma usando como comparativo as composições do grupo musical brasileiro Novos Baianos. Nos apropriaremos exclusivamente das músicas *Mistério do Planeta* e *Besta é Tu* visando esclarecer a proposta feuerbachiana de abandonar os ideais cristãos visando guiar o homem na direção de sua total liberdade para além dos dogmas que aprisionam este homem em uma vida que deve ser moderada com o objetivo de que somente após a morte este indivíduo possa de fato aproveitar. Entretanto, Feuerbach demonstra claramente como tal pensamento acaba retirando do homem sua vida verdadeira, o homem perde sua vida ao buscar viver plenamente no além, mas como tal existência sobrenatural não é possível, o homem acaba desperdiçando sua existência.

**Palavras-chave:** Imortalidade; Homem; Religião; Feuerbach; Novos Baianos.

**Abstract:** This article aims to clarify the thinking of the young Feuerbach on the theme of the immortality of the soul using as a comparison the compositions of the Brazilian musical group Novos Baianos. We will exclusively use the songs *Mistério do Planeta* and *Besta é Tu* in order to clarify the Feuerbachian proposal of abandoning Christian ideals in order to guide man in the direction of his total freedom beyond the dogmas that imprison this man in a life that must be moderate with the objective of that only after death can this individual really enjoy it. However, Feuerbach clearly demonstrates how such thinking ends up taking away from man his true life, man loses his life in seeking to live fully in the beyond, but as such a supernatural existence is not possible, man ends up wasting his existence.

**Keywords:** Immortality; Man; Religion; Feuerbach; Novos Baianos.

## **Introdução**

O estudo de Ludwig Feuerbach (1804-1872) é sempre um desafio, seja pela pequena parcela de obras traduzidas, seja pelo descaso que tal autor recebe dentro da academia. De fato, os escritos do filósofo alemão são sempre ou mencionados de forma breve, ou nem mesmo chegam a ser estudados. Contudo, o conteúdo de tais obras é, sim, fundamental tanto para a crítica à religião cristã quanto para a compreensão do homem moderno. Assim sendo, o trabalho a ser apresentado tem por pretensão a leitura de seus escritos a partir da música popular brasileira.

Por conseguinte, devemos expor agora a direção na qual nos lançaremos para a elaboração deste trabalho. O jovem Feuerbach, em seus escritos, tomou por preocupação a investigação do homem, de forma mais clara, o homem enquanto inserido em um ambiente essencialmente cristão. O declínio do antigo cristianismo, ou catolicismo, não enfraqueceu por completo tal religião, o que ocorre é puramente a sua metamorfose em uma nova espécie de cristianismo, essa é a mudança do catolicismo para o protestantismo. Essa mutação, apesar de parecer, não supera por completo o cristianismo, apenas apresenta uma nova forma e, sendo assim, apesar do enfraquecimento da igreja católica, o homem ainda encontra-se inserido em uma sociedade cristã. Feuerbach, deparando-se com isso, consegue com tamanha perspicácia analisar a natureza tanto do cristianismo quanto do homem cristão. Logo se percebe que a temática teológica é essencial para a obra de Feuerbach, nas palavras do professor Artur Morão:

Se algo desperta a nossa atenção, ao percorrermos os textos de L. Feuerbach, é a presença incessante da teologia. Conhece-a em primeira mão, está dela imbuído, com ela obcecado. Ele próprio afirmou: "Todos os meus escritos têm, em rigor, apenas um objectivo, uma vontade, um tema. Este tema é justamente a religião e a teologia e o que com elas se relaciona." E a partir daí limita-se a fazer antiteologia, a explorar o núcleo ou o cerne antropológico presente no cristianismo (MORÃO, 2008, p.01).

Desta forma, a análise aqui partirá tanto do campo da religião quanto da antropologia, trataremos de conceitos capitais para o pensamento feuerbachiano, partindo da análise de composições do conjunto musical Novos Baianos, que em suas letras apresentam críticas contundentes ao catolicismo – fortemente presente no período da ditadura militar brasileira (1964-1985) – e a forma como tal religião limita e reduz o homem, retirando deste sua liberdade e sua humanidade. O homem é então objetificado, já não é um ser livre. Aqui é necessário dizer também que sem esse cerceamento da liberdade humana, tal religião não pode prosperar livremente, ela só faz raiz no coração do homem que não reconhece sua liberdade e sua individualidade.

A proposta aqui apresentada tem ainda caráter didático, visa dinamizar e disseminar tanto o estudo da Filosofia quanto o estudo especificamente de Feuerbach através da mescla de suas obras com o conteúdo das músicas dos Novos Baianos. Pretendemos aqui apresentar uma aproximação entre os campos da arte e da filosofia, buscar novas abordagens para o ensino de um filósofo que por vezes acaba sendo deixado no esquecimento e no obscurantismo.

## **1. Novos Baianos e Feuerbach**

De forma breve, pretendemos apresentar agora o grupo musical do qual trataremos para assim mostrar a relação de sua trajetória com as músicas que abordaremos e com o projeto filosófico de Feuerbach.

O grupo Novos Baianos surgiu na Bahia e era composto inicialmente por Luiz Galvão, Baby Consuelo, Paulinho Boca de Cantor e Moraes Moreira, todos baianos exceto por Baby, que nasceu no Rio De Janeiro. A banda nasce no ano de 1969, ainda no período do regime militar brasileiro. Um fator essencial a ser ressaltado e que foi de extrema importância para a construção do visual e dos ideais da banda é o movimento hippie, que ganhava cada vez mais força e mais adeptos, não foi diferente com os Novos Baianos, estes foram diretamente influenciados pelas propostas de paz, liberdade, amor e união. Assim sendo, é evidente que as composições do grupo estariam cercadas por

estes valores. Há ainda um outro fator que tange tanto a obra de Feuerbach quanto o movimento hippie e conseqüentemente a obra dos Novos Baianos: A valorização da natureza e da existência do homem no mundo, na realidade mesma. A temática da natureza na obra feuerbachiana ganha destaque fazendo oposição a ideia de uma pós-vida, uma vida antinatural fruto do cristianismo e são exatamente estes os mesmos ideais defendidos pelos Novos Baianos em suas composições. Assim, Feuerbach assume a existência de uma única vida, e por outro lado

O Cristianismo diferencia “a vida do além” da vida real, temporal: enquanto a primeira representa a vida ilimitada, corresponde a segunda à vida escura, obscura, isto é, à vida da dor e do tormento, porque ela está presa, de acordo com o Cristianismo, aos “prazeres da carne”. (CHAGAS, 2010, p.59).

Outro fator importante a ser ressaltado é a implicância da ditadura militar nas composições e na forma de pensar dos Novos Baianos. O período militar foi marcado essencialmente pelo conservadorismo, pela repressão, pela falta de liberdades individuais e também pela influência da religião cristã na sociedade brasileira. Esse moralismo servia puramente como cortina de fumaça para o ocultamento da situação lastimável em que o país se encontrava. Com isso não tardou para que a classe artística tratasse de escancarar tudo o que ocorria em suas obras. Músicos como Chico Buarque, Caetano Veloso, Geraldo Vandré e Gilberto Gil tiveram grande destaque, sendo inclusive exilados sob o risco de serem mortos. Não tardou para que a ditadura também pusesse os olhos sobre os Novos Baianos, o visual “hippie” do grupo chamou logo a atenção dos moralistas e o grupo também não demorou a criticar com maestria os males que viam na sociedade.

Assim como a banda dedicou algumas de suas músicas para a crítica ao cristianismo e a falta de liberdade do homem, Feuerbach percorre o mesmo caminho, o filósofo dedicou-se quase integralmente a criticar e mostrar em suas obras como tal religião é responsável por retirar do homem a sua própria humanidade e por distanciar este

homem da natureza. Será então no campo da religião que apontaremos as semelhanças nos discursos da banda e do filósofo alemão.

A crítica feuerbachiana da religião tem início muito cedo em sua obra, em 1830 o autor publica de forma anônima os *Pensamentos Sobre a Morte e a Imortalidade*, onde elabora a sua crítica contra a ideia de uma imortalidade da alma, ideia essa tão influente dentro do cristianismo. Onze anos depois, o autor lança o seu *magnum opus* *A Essência do Cristianismo* obra onde a crítica de Feuerbach para com a religião ganha destaque e seu nome se consagra. Dois anos depois são lançadas os *Princípios da Filosofia do Futuro* e as *Teses Provisórias para a Reforma da Filosofia*, onde o autor pretenderá elaborar uma nova filosofia, arrancando de vez os tentáculos do cristianismo de dentro da filosofia, dando lugar a um novo homem, que já não necessita mais destes valores. Daremos foco aqui principalmente aos *Pensamentos Sobre a Morte e a Imortalidade*, pois, já nesta obra encontram-se elementos fundamentais para a construção de seu pensamento tardio.

## 2. Mistério do Planeta

Já no seu segundo e mais famoso álbum, os Novos Baianos conseguiram projetar uma grande carreira, fazendo enorme sucesso. O álbum em questão é listado em 2007 como o maior disco da música popular brasileira pela revista *Rolling Stone Brasil*. Precisamente na sexta música do álbum há um trecho que se relaciona de forma muito coerente com o pensamento de Feuerbach:

Vou mostrando como sou  
E vou sendo como posso  
Jogando meu corpo no mundo  
Andando por todos os cantos  
E pela lei natural dos encontros  
Eu deixo e recebo um tanto  
E passo aos olhos nus  
Ou vestidos de lunetas  
Passado, presente  
Participo sendo o mistério do planeta  
(GALVÃO, MOREIRA, 1972).

Aqui já notamos claramente os ideais de liberdade humana, de exaltação de uma vida a ser vivida da maneira que convêm ser vivida, quem pode decidir isso é puramente o homem. Tal ideal de liberdade contraria essencialmente os dogmas da Igreja, pois, o indivíduo enquanto parte da Igreja deve dedicar sua vida integralmente para ela, abdicando de sua singularidade, de sua humanidade. Dito de outra forma, o ideal de liberdade aqui defendido é uma contradição óbvia para com a moralidade cristã, o homem só pode encontrar-se livre na medida em que está livre para “jogar seu corpo no mundo” da forma como bem quiser.

Feuerbach, ao criticar o catolicismo, já apontava tal contradição, a nova filosofia apontada por ele visa exatamente o distanciamento entre o homem e a religiosidade. A crítica feuerbachiana da imortalidade é precisamente uma exaltação da vida, da natureza, do homem real e material, determinado por seus limites em contraposição a ideia de uma vida irreal e distante. O homem só pode existir se estiver determinado e dentro do que é físico, o homem deve existir puramente dentro das limitações espaço-temporais, a busca por uma completude que encontre-se para além do natural é inalcançável para qualquer homem, o homem só pode ser e se fazer completo dentro dos seus limites.

[...] a forma comum de nossa vida sensível atual, o espaço recai no ser antes da morte; e posto que, em razão de tudo o que foi dito, os indivíduos imortais existem em algum lugar, e este lugar está por conseguinte dentro do espaço, desta maneira e conseqüentemente a vida após a morte deve recair na vida antes da morte (FEUERBACH, 1993, p. 122).

Feuerbach, ao tratar dos limites espaciais do homem, demonstra claramente que a vida só pode existir se estiver situada em algum lugar pois, para que exista algo, este algo deve existir no espaço e o homem, como existente, também deve existir de alguma forma no espaço. Sendo assim, até mesmo a dita vida após a morte deve existir em algum lugar e se existe em algum lugar, ela necessariamente está determinada pelos limites físicos do espaço. A vida após a morte então recai exatamente na vida antes da morte, ambas são limitadas e determinadas. Da mesma forma é o limite temporal: o homem como ser limitado só tem sua

existência garantida se for dentro dos limites da temporalidade. O homem só vive, só se faz presente em um instante dentro da totalidade do tempo. O homem é determinado, encontra-se aprisionado em sua época, não há imortalidade para o homem, pois o homem só existe dentro das suas limitações, e não há possibilidade deste escapar daquilo que lhe é natural, intrínseco.

Desta maneira, ao eliminarmos as barreiras impostas pelo cristianismo de uma falsa liberdade eterna e sobrenatural, podemos então perceber a verdadeira vida, uma existência que começa e termina em si mesma, que não se fundamente no além, numa falsa existência. Quando retiramos o véu da imortalidade é que conseguimos vislumbrar a verdadeira natureza do homem fora das restrições que lhe foram impostas. O cristianismo encarregou-se de retirar do homem tudo aquilo que lhe constitui enquanto homem, tratou de retirar dele sua essência, o homem é então minimizado, proibido de viver no agora pra aguardar a possibilidade de uma vida ideal que existe somente na imaginação, na idealidade.

Feuerbach então afirma:

A verdadeira fé na imortalidade é a fé no espírito mesmo, na consciência, na sua absoluta essencialidade e em sua infinita realidade. Na medida em que o espírito mesmo é o principio da historia, e por ele passado, presente e futuro são superados e idênticos no espírito e na consciência, nesta mesma medida a fé na imortalidade é uma fé na realidade do passado, na realidade do futuro e na do presente (FEUERBACH, 1993, p. 221).

O homem então não consegue sua verdadeira realização, sua infinitude, sua imortalidade numa existência para além da própria vida. A realização do homem encontra-se dentro da natureza, da pura existência. Portanto, a busca por uma existência fora da real existência é contraditória à própria existência do homem. A defesa de Feuerbach é a defesa da vida natural, e é exatamente esta a apologia dos Novos Baianos para a vida mesma, a existência livre e absoluta do homem onde este não encontra-se acorrentado pelos grilhões da religiosidade, o homem deve buscar a sua realização em si mesmo e somente em si, na existência real e determinada.

Feuerbach ainda complementa:

Caso contrário, sua fé não é uma fé na essencialidade e realidade do essencial, mas sim no finito, e sua fé na vida eterna é uma fé na vida de todos os tempos. O tempo é um filho da verdade, ele apenas manifesta a natureza, é o espelho do ser, não causa dor e nem dano a coisa alguma; apenas o que passa e se consome no tempo que é essencialmente passageiro; ele apenas move o véu do templo de Ísis com seu ar, toda sua ação consiste em descobrir (FEUERBACH, 1993, p. 222).

E assim, o tempo e o espaço são tanto o que garantem a determinação do homem em seus limites como também são os elementos que garantem sua liberdade para além dos dogmas do cristianismo. Sem considerar estes elementos não podemos desconstruir a ideia de imortalidade da alma, e é somente com a destruição deste pensamento que o homem consegue sua liberdade.

Portanto, o homem da canção que está em constante busca por sua liberdade, sua autonomia no mundo, na natureza, é exatamente o mesmo homem feuerbachiano que busca a construção de sua existência além dos tentáculos da igreja que lhe prendem e lhe amarram na ideia de uma vida guardada, uma vida não vivida, deixada para ser vivida no além, quando já não haverá mais vida para ser vivida pelo homem, pois a morte é arrebatadora do homem. Deve-se pensar na morte como um fenômeno que encerra por completo a existência, onde finda-se a vida.

### **3. Besta é Tu**

Ainda no mesmo álbum temos *Besta é tu*, que prossegue com a crítica ao dogma da imortalidade:

Não viver nesse mundo  
Se não há outro mundo  
(Por que não viver?)  
Não viver nesse mundo  
(Porque não viver?)  
Se não há outro mundo



(Por que não viver?)  
Não viver outro mundo  
É pra ter outro mundo  
É preci-necessário viver  
Viver contanto em qualquer coisa  
(GALVÃO, GOMES, MOREIRA, 1972).

Aqui o grupo é direto em sua mensagem, existe uma única vida e ela se desdobra somente no agora, no presente, no espaço e no tempo, não existe portanto uma vida para além da vida mesma, o fim da vida é a morte e nada mais.

Somente se o homem volta a reconhecer que não se trata de uma morte aparente e sim de uma morte verdadeira e real, que liquida totalmente a vida do indivíduo, e somente se retorna a consciência de sua finitude, ele se armará de coragem suficiente para começar uma nova vida e para sentir a urgente necessidade de converter o verdadeiro e essencial, o verdadeiramente infinito, no motivo e no conteúdo de todas as atividades de seu espírito (FEUERBACH, 1993, p.73).

Assim sendo, é preciso que o homem reconheça sua finitude para que liberte-se finalmente daquilo que tem, por tanto tempo, limitado sua existência. A morte deve ser percebida sempre como fim em si mesma e não como uma passagem, o fim é sempre o fim e nada mais que isso. A morte é o fim e após ela não há vida para o homem.

Devemos abandonar por completo a falsa crença em uma pós-vida, somente com a descrença nessa vida irreal é que o homem pode retomar sua liberdade para si. Os dogmas do cristianismo encarregaram-se de tornar o homem um ser servil, retirou-se toda sua capacidade libertadora de gozar a vida da forma como se deseja, sem prender-se em falsas promessas e irrealidades. Não existe nenhuma outra realidade para o homem viver se não a realidade mesma, o homem que resguarda-se para viver após a morte acaba desperdiçando toda sua vida em troca de uma vida que jamais atingirá, pois o homem é um ser que não pode escapar de suas determinações, está preso no aqui e no agora, jamais no além, sua existência não se dará no paraíso, sua vida ocorre

enquanto ele pensa estar se preservando dos males do mundo. A natureza não é inimiga do homem, o homem existe puramente na natureza, não há existência que não esteja atravessada pela natureza. Feuerbach critica, portanto, o desperdício na existência humana destes que resguardam-se para a existência sobrenatural dizendo:

De modo que aqueles singulares e raros sujeitos que somente pensam em viver depois da vida, não levam em conta que com seu além não ganham e nem conseguem nada, nem que, ao plantar uma vida futura, estão destruindo a vida real. Com efeito, se existe vida após a morte, então a vida antes da morte não é necessária, pois uma exclui a outra, o presente elimina o futuro e o futuro elimina o presente (FEUERBACH, 1993, p.217).

*Besta é tu* refere-se a um método para o aprendizado de violão onde o som produzido é similar a frase “besta é tu”, o título também deve ser entendido como uma mensagem para os que creem na imortalidade. Não viver nesse mundo é desperdiçar a vida esperando ser recompensado por isso no futuro, quando na verdade não existe vida além dessa. Sendo assim, “é preci-necessário viver”, a junção das palavras “preciso” e “necessário” reforçam a urgência em abandonar falsos e velhos ideias e atirar-se para o mundo, para a natureza, para a sua verdadeira realização enquanto homem livre. O homem que quer a todo custo abandonar sua vida para viver no além acaba por desperdiçar toda a sua vida e jamais recuperá-la pois a morte é puramente o fim de tudo e de todos. A vida desdobra-se exclusivamente no presente, não deve-se buscar viver em um futuro que não lhe cabe, ao iludir-se desta forma o homem exclui sua liberdade.

Feuerbach nos *Epigramas Teológico-Satíricos*, deixa ainda bem claro: “Aonde existe o além tão celebrado? Somente nos poros da sua cabeça” (FEUERBACH, 1830, p.182). Essa vida no além é somente imaginação, não há realidade alguma nisso, é puramente uma idealidade usada para retirar do homem o prazer de viver. A religião, tal qual uma árvore, finca suas raízes no homem, promete-lhe prazer eterno, felicidade, fixa no coração daqueles indivíduos que necessitam de acolhimento, pouco a pouco essa árvore suga do indivíduo sua força, aprisiona o indivíduo, arranca deste sua liberdade. O homem é

enganado, desperdiça sua vida com falsas promessas de libertação. A libertação está no homem, o homem deve construir sua liberdade em vida, é contraditório que o homem abandone sua liberdade em vida buscando ser livre na morte.

Ainda nos Epigramas Teológico-Satíricos Feuerbach aponta: “Em jaula de teólogo somente encontram-se enigmas. Saia para a natureza; somente lá encontrará claro aquilo que se oculta” (FEUERBACH, 1830, p.182). O viver no mundo é a única forma para que o homem encontre sua liberdade enquanto indivíduo, a natureza garante ao homem a sua humanidade, é na natureza que o homem pode ser de fato humano, independente, criador de sua existência individual. Ao retirar o homem da natureza destrói-se também sua essência, o homem é um ser integralmente natural, não há existência humana sem que se faça presente a natureza, o homem precisa da natureza para que se faça homem. A crença em uma imortalidade supramundana é puramente a crença na exclusão do homem da natureza.

Feuerbach ainda afirma o homem em sua totalidade como ser que se constitui puramente em si e não em crenças exteriores:

Cada momento da vida deve ser pleno, de significação infinita, estabelecido em razão de sua própria espontaneidade e por si mesmo, satisfeito em si mesmo, plenitude saturada e encerrada da realidade, autoafirmação ilimitada; cada momento seu é uma bebida que deve ser bebido até o fundo do cálice da infinitude, que como o cálice milagroso de Oberon, torna a encher-se permanentemente (FEUERBACH, 1993, p. 236).

E assim sendo, a infinitude da imortalidade se dá no homem, na sua existência em vida, o discurso feuerbachiano aponta sempre no caminho contrário ao da pós-vida, uma vida sobrenatural não pode ser a razão da existência do homem, desta forma o homem só desperdiçaria a vida.

É evidente que os músicos e o filósofo acabam por estabelecer uma relação, seus ideais apontam para a mesma direção, ou seja, para a libertação do homem das amarras que lhe impedem de aproveitar a vida da forma como bem entender. Ao propor a ressurreição do espírito, o

que o cristianismo propõe na verdade é a ideia de tornar a existência do homem em uma existência aprisionada, tiram do homem todo o proveito que este poderia ter em vida.

### **Considerações Finais**

Assim, evidencia-se a relação entre as músicas de protesto dos Novos Baianos que, inspirados pelo movimento hippie, dedicaram-se a cantar contra os dogmas religiosos que tanto aprisionaram o homem, retirando dele toda a sua liberdade em vida, assim como suas motivações para fazer do viver aquilo que bem entendesse. O cristianismo apresenta um papel de domesticador dos homens, tornando este um animal dócil que decide abdicar da vida em troca de uma imortalidade, de uma existência após a existência. A crítica aqui é exatamente a mesma feita pelo jovem Feuerbach principalmente em seus *Pensamentos Sobre a Morte e a Imortalidade* onde o autor apresenta uma crítica ferrenha à ideia cristã de um reino onde as almas voltariam à vida e viveriam em eterna felicidade. O filósofo estabelece a impossibilidade de tal existência ao demonstrar a ligação do homem ao mundo real e material. A ideia de Feuerbach é justamente a busca pela liberdade do homem enquanto indivíduo livre e independente para determinar sua existência no mundo.

Percebe-se portanto que mesmo que os músicos e o filósofo tenham existido em períodos tão distintos, suas formas de pensar assemelham-se, o que só demonstra como o pensamento feuerbachiano se faz atual e necessário para compreender o cristianismo e o homem cristão.

### **Referências**

CHAGAS, E. F. A aversão do cristianismo à natureza em Feuerbach. **Philosophos - Revista de Filosofia**, [S. l.], v. 15, n. 2, p. 57-82, 2010. DOI: 10.5216/phi.v15i2.10857.

CHAGAS, E. F. A natureza como negação da imortalidade da alma no jovem Feuerbach. **Princípios: Revista de Filosofia** (UFRN), v. 16, n. 26, p. 35-51, 12 out. 2010.

CHAGAS, E. F. NASCIMENTO, E. S. O homem no contexto da nova filosofia de Ludwig Feuerbach. **Revista Reflexões**. Fortaleza Ceara, 2007, Nº 13 - Julho a Dezembro de 2018.

FEUERBACH, L. Epigramas teológico-satíricos. In: FEUERBACH, L. **Abelardo y Heloísa u otros escritos de juventud**. Trad. esp. José Luis García Rúa. Granada: Editorial Comares, 1995b

FEUERBACH, L. **Pensamientos sobre muerte e inmortalidad**. Trad. cast. José Luis García Rúa. Madrid: Alianza Editorial, S/A, 1993.

FEUERBACH, L. **Teses Provisórias para a Reforma da Filosofia**. Tradução de Artur Morão. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2008b. (Textos Clássicos de Filosofia). 20 p.

GALVÃO, L. GOMES, P. MOREIRA, M. Besta é Tu. In: BAIANOS, Novos. **Acabou Chorare**, Rio de Janeiro: Som Livre, 1972. Faixa 8. Disco de Vinil.

GALVÃO, L. MOREIRA, M. Mistério do Planeta. In: BAIANOS, Novos. **Acabou Chorare**, Rio de Janeiro: Som Livre, 1972. Faixa 6. Disco de Vinil

MORÃO, A. Introdução. In: FEUERBACH, L.. **Necessidade de uma Reforma da Filosofia**. Trad. Artur Morão. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2008a. (Textos Clássicos de Filosofia). 8 p.